

Preço avulso — 20 réis

# GRANDE ELIAS

SEMÁNARIO  
ILUSTRADO, LITTERARIO E THEATRAL

REDACTOR PRINCIPAL SECRETARIO DA REDACÇÃO

Joaquim dos Anjos

Hogan Teves

PROPRIETARIOS: — Hogan Teves, Henrique Pereira e João Costa

Redacção e Administração — Largo do Conde Barão, 50, 2.º

## ASSIGNATURAS

LISBOA — Série de 15 numeros . . . . . 300 rs.  
FÓRA DE LISBOA — Série de 15 numeros 400 rs.

LISBOA

1 de setembro de 1904

Editor: THOMAZ RODRIGUES MATHIAS

Composição e Impressão na Typographia d'«A EDITORA»  
Largo do Conde Barão, 50

## Individualidades Artísticas

### Maria das Dores

Conheço-a desde o tempo em que a vi desempenhar papeis de ingenua. Hoje faz damas centraes.

Tivesse-me dado a mania de ser actor e a estas horas diria, como pae nobre, as prédicas moralisadoras, a que os galãs, as damas dramaticas e o proprio publico fazem de ordinario ouvidos de mercador.

Quem me déra no tempo em que escrevi para Maria das Dores e Emilia dos Anjos uma *bluette*, que no cartaz teve o nome de *Santos de casa*, mas que nos camarins das duas unicas interpretes, eu, para judiar com ellas, chamei sempre *As ratinhas sabias!*

Pois nos *Santos de casa*, representada bastantes vezes no Gymnasio, Maria das Dores fazia o papel de uma collegial sonsinha, que enfiava pelo fundo de uma agulha uma prima alguns annos mais velha do que ella.

Conhecendo-a ha tanto, não me seria difficil escrever a seu respeito um artigo tão estimado como certos discursos, que, n'uma cidade açoriana, ouvi a um respeitavel professor, quantidade constante nos saraus litterarios, com que por lá preenchiam as longas noites do inverno.

N'um dos taes discursos, o orador, depois de falar tres quartos de hora, pelo menos, pronunciou estas palavras «Vou finalizar», com as quaes arrancou um suspiro prolongado ao auditorio, como se lhe tivesse tirado de cima um peso de muitas arrobas.

Mas ainda não acabára o suspiro, quando o plecter continuou imperturbavel:

— Vou finalizar, passando em revista a

nossa historia, desde o sr. rei D. Affonso Henriques.

la havendo desmaios.

Escusam de chegar a esse extremo os leitores do *Grande Elias*, porque eu, não seguindo as pisadas do professor insulano, omittirei muitos pormenores biographicos que poderia aproveitar.

Um d'estes é a data do nascimento da actriz.



ACTRIZ MARIA DAS DORES

Embora ella já seja avó, e avó extremosissima por tal signal, talvez me não perdoasse a revelação.

Nunca me esqueço d'aquella heroína vendeana, que, tendo confessado corajosamente perante o conselho de guerra tudo o que fizera contra os Azues, só faltou á verdade . . . fazendo-se mais moça tres annos.

Antes de ir para o Gymnasio, onde permaneceu longo tempo, Maria das Dores tinha estado no theatro de D. Maria, do qual sahiu com Pinto de Campos, João Rosa e Cesar Polla.

D'este, que foi seu marido, quantas coisas eu tambem poderia contar!

Ninguem como o Polla para dar animação ao cavaco dos camarins! Homem intelligente, actor distincto, e falador verbosissimo como todos os seus patricios algarvios, narrava a primor as suas historias, dava-lhes vida e colorido, e nunca afrouxava na loquacidade.

A par d'elle fez Maria das Dores os seus principaes papeis, como a Clemencia da *Familia Mongrol*, a sr.<sup>a</sup> de Clavières dos *Jesuitas* e a protagonista da *Avó*.

Parece-me ainda vel-a no quarto acto d'esta peça, um dos melhores melodramas de D'Ennery. A sua entrada fazia um effeito enorme.

Na scena pouco allumiada estavam duas rapariguitas, a mais velha das quaes era neta da edosa marqueza cujo papel Maria das Dores desempenhava: uma recostada n'uma *chaise longue*, finando-se de mysteriosa doença, a outra ajoelhada n'um genuflexorio, resando pela saude da irmãsinha.

Abria-se no fundo uma porta falsa e sobre a escuridão do corredor surgia o vulto branco da marqueza meio paralytica, avançando de rojo e encaminhando se, com um frasco apertado na mão, para

a doente, a quem a odienta fidalga envenenava a pouco e pouco, para que o titulo e a riqueza da familia coubessem á irmã, que ella amava até o ponto de commetter, para beneficial-a, aquelle crime repugnantisimo.

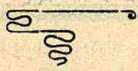
Era notavel o seu desempenho n'este papel de difficil execução.

Tendo o Gymnasio abandonado o genero

dramatico, Maria das Dores passou para o Principe Real e n'este theatro se tem conservado ha muitos annos, tomando parte em quasi todas as peças do repertorio, e mostrando, pela correção dos seus trabalhos, os conhecimentos artisticos grangeados desde o começo da sua carreira no theatro de D. Maria II, quando era alli director de scena o dr. Luiz da Costa Pereira, um dos mais distinctos ensaiadores que temos tido.

Se eu quizesse commetter uma indiscreção, aliás vulgarissima, diria ainda que Maria das Dores sabe viver no theatro respeitada por todos os seus collegas, alheia sempre aos *cancans*, que ás vezes infectam o ambiente dos bastidores, como se as taboas de um palco tivessem de commum com as aguas de um paul o poder malfazejo de exhalar miasmas.

MAXIMILIANO DE AZEVEDO.



## MISCELLANEA THEATRAL

XXVIII

Não cabem nas minguadas columnas de uma folha hebdomadaria largas dissertações, com grande copia de argumentos e numerosos exemplos pro-bantes das verdades enunciadas. Não esperem, portanto, os pacientes leitores que lhes apresentemos departidamente uma organização completa do theatro normal, com relatorio preambular e recortada em artigos e paragraphos. Não é intento nosso legisferar, miramos tão sómente a fazer sobresahir, no vigente regimen da sociedade artistica do D. Maria, alguns erros, incongruencias e não poucas imperfeições, derivadas, na maxima parte, da procedencia ou recrutamento do gerente e das attribuições do commissario fiscal.

Este, de facto, só quasi exerce uma acção coercitiva em materia de *moralidade*, i. é. sobre um ponto caracterizado pelos sublimes pensadores de todos os seculos e escolas como de eterna e ineluctavel relatividade!

Rara seria a producção genial dos maiores dramaturgos que não fornecesse, sob certos aspectos, base para o representante do estado e zelador da publica moralidade não vibrar o terrivel *veto!*...

Seria facilimo citar milhares de condemnações, prohibições e mutilações, por esse mundo fóra, impostas e perpetradas em nome do que até hoje não teve nem poder á ter caracter definido e limites fronteiriços: — *A moral publica*.

Para quanta gente illustradissima e da mais rasgada tolerancia deveria ser reenviado ao talento autor o *Serão das Laranjeiras!*

Foi por todos homologada a retirada dos ensaios ao *Pae*, de Strindberg?

O *BOUBEROCHE*, aliás obra de valor, é peça para o theatro do Rocio?

Em contraposição a estes mui serios e graves pontos de interrogação, a fiscalisação do commissario, se o regulamento a prescrevesse, e o funcionario tivesse inteira competencia para corrigir, beneficentemente, sob outras relações, poderia haver-se exercitado a jurisdicção delle consoante nós, no artigo anterior, em these, o indicámos mui rapidamente, e de certo com o assentimento geral.

Agora outro topico. Um actor possui os conhecimentos indispensaveis para estudar perfeitamente um papel, e representá-lo na proporção do seu talento artistico, com esmeradissima consciencia. Se fôr gerente de um theatro escola, revelará igual capacidade para aferir do merito litterario, até da estrutura theatral das peças, verdade psychologica das personagens e a historica e a ethnographica, quando haja que julgá-las em conjugação com as impreteriveis urgencias da scena?

Saberá bastante geographia, para que lhe cáia logo, por exemplo, na vista um dispauterio, tal se lhe não deparou outr'ora ao illustre e bem illustre Santos, na *Madame Caverlet*, em que uma figura dizia com todo o desplante que — «visto já não terem nada que fazer na Italia, iriam para Geno-

va!»! O traductor, ou traductora, trasladara Genève (Genébra, na Suissa) para Genova, e ignorava que a *SOBERBA*, a cidade dos Dorias é italiana!

E' verdade que tambem recentemente li em um escripto selecto, publicado á sezunda feira, em jornal conceituado, que da cidade de Pau se avistam os Alpes!...

Basta olhar para um mappa de França e reduzir á escala a distancia da famosa patria do *bernese* ao ponto mais proximo da extensa e majestosa cadeia alpina, para se verificar o estupendo erro!

O autor confundiu Alpes com Pyrenéus.

Somos, pois, de parecer que o gerente do theatro de D. Maria, a fim de poder entregar-se de alma e coração ao estudo dos papeis, não devera ser um artista dramatico, mas individuo esclarecido em theatro, que dispuzesse de tempo e variada instrucção para cabal execução das fadigas obrigações do complexo mistér.

No concernente á distribução de papeis a realisada por pessoa idonea, bem sabedora das aptidões dos artistas, será, porventura, mais equitativa do que a de um artista, que pode ser inspirada por motivos adversos aos interesses da arte e não ser bem acceite pelos collegas, com quem ha inevitavel familiaridade.

O leitor que frequenta assiduamente salão, corredores e caixas de theatro está a sorrir-se de mim... Tudo que vimos deduzindo sobre este assumpto tem sido amplamente debatido naquelles locais, mas entre nós portuguezes é raro que na imprensa se escreva denodadamente o que se ouve quaes axiomas e aphorismos no referente a coisas de arte dramatica!

Ha as chamadas *considerações pessoais!*

São ellas que, imperando no escriptor, o intibiam e impedem que elle sinceramente combata em prol de idéas que ouve, nos sitios alludidos, preconisar, que elle compartilha, mas que não advoga nas folhas publicas para não melindrar o amigo F... o collega S... e o amigo do amigo B...

Desta fórmula nunca se assegure que os órgãos da opinião, de facto, o sejam.

Não é pécha nossa só em assumptos de arte. Os dizeres da Arcada tambem não se repercutem fielmente nas gazetas politicas! Parece que cada um tem duas opiniões, a da rua, e praças, e corredores, e salões e salas, e entra — a das mezas das redacções!!! O nosso fito tracejando estes quartos foi modestissimo: stenographar o que está na mente e na lingua de todos os que julgam ainda viavel, com modificações profundas, a actual lei do theatro de D. Maria.

No proximo numero explanarei a minha opinião individual.

Alfredo Oscar M. y.



### Emprezarios, artistas e contractos

A paz pôdre com que geralmente se succedem todas as semanas e até os annos, sem um acontecimento de maior importancia que desperte a attenção ou excite a curiosidade, dá logar a que seja o assumpto obrigado em todas as conversas qualquer facto, embora insignificante, que porventura appareça, o qual logo é cozinhado ao variadissimo paladar d'aquelles que, á mingua de outro assumpto, o exploram como o mais rico filão de qualquer mina preciosa.

Immediatamente se estabelecem partidos e os grupos que os formam discutem por vezes o assumpto com tal calor e entusiasmo que chegam a fazer lembrar, áquelles que, friamente como nós, assistem á discussão, as mais tumultuosas sessões parlamentares!

E' o café Suiso hoje para os artistas dramaticos o mesmo que o café Marrare tem sido sempre para os toureiros. Por isso, quando se trate de qualquer intriga de bastidores ou de questão que se relacione com palcos, pôde quem quizer ir para o Suiso, onde pacatamente sentado a uma meza, a troco de quaesquer cobres, assiste ás taes discussões e colhe as informações que quizer, informações que até serão revestidas de todas as minucias se o caso em questão foi escandaloso.

Ora nós, ausentes ha cerca de dois mezes de Lisboa, de onde fugimos para vêr se retemperavamos com outros ares e mais algum descaço o organismo depauperado pela necurastenia, doença

que hoje parece ser endemica no nosso paiz, fomos surpreendidos ha dias com a leitura de longas cartas em quasi todos os jornaes, cartas em que um conhecido emprezario se queixava amargamente de um actor e de uma empresa, cartas em que o actor se queixava do referido emprezario e defendia a outra empresa e finalmente cartas da tal empresa em que se queixava dos citados emprezario e actor!

Pela leitura de cada uma das cartas affigurou-se-nos que todos tinham razão, mas relendo com mais attenção cada uma d'ellas, pareceu-nos vêr que quaesquer das cartas occultavam pormenores que era necessario conhecer, o que nos fez aguçar a curiosidade de os saber para os contarmos aos nossos leitores.

Partimos para a capital e eis-nos no Suiso; os jornaes d'essa noite, que comprámos com avidéz, occupavam-se ainda do caso, publicando mais cartas e longos artigos em titulos abertos a duas columnas e sub-titulos em negro normando, inserindo curiosas *interviews* com emprezarios e artistas. Ao redor da nossa mesa, abancados em torno de outras, grupos de artistas discutiam calorosamente o incidente n'uma algazarra atroz. Um jornalista que por accaso entra, mal troca conosco duas palavras é assaltado por todos os artistas que discutiam, para inquirirem a sua opinião e todos á uma tentam, com os argumentos que mais lhes conveem, influenciar em favor do seu constituinte, no espirito do desgraçado que para d'elles se livrar promette no dia seguinte na sua gazeta *largar umas piadinhas* (textual) a Fulano e a Sicrano.

Lamentando a sorte do tal jornalista, que desappareceu para nunca mais ser visto, de certo com medo de novo assalto, voltámos novamente a prestar attenção á discussão que continuava cada vez com mais enthusiasmo e a colhermos da mesma as notas que mais interessantes nos pareciam para podermos formar seguro juizo do caso; e, da leitura das taes epistolas e da reunião dos taes apon-tamentos, as quaes na maior parte desprezavamos por as considerarmos menos verdadeiras, chegamos á conclusão seguinte:

Um certo artista estava contractado por um determinado emprezario e arrependendo se do contracto celebrado, pretendeu rescindil-o para se contractar n'outra empresa.

O primeiro não quiz a recisão e a outra empresa e o actor, sem se importarem com o antigo contracto, ligaram-se fazendo novo contracto.

O caso é pouco mais ou menos isto, e os tribunaes lá estão para o deslindar.

Reparem agora com attenção no que se teceu em volta de tão pyramidal caso!

Se estivessemos na America, onde a mania do reclamo impera pelas fórmulas mais extravagantes, convencer-nos hiamos de que tudo o que se tem passado nada mais era do que um engenhoso reclamo para o tal actor, mas no nosso paiz ainda o reclamo não attingiu tal perfeição, e queremos crer que ainda que a attingisse, o actor seria o primeiro a vêr que lhe não convinha, porque tornando-se por esta fórmula tão celebre, o publico depois no theatro tinha o direito de exigir d'elle condições de trabalho e talentos como os que se admiram nos grandes artistas e que o referido actor realmente não tem.

Era portanto um reclamo contraproducente.

\*  
\*  
\*

### O concurso do Conservatorio

A sr.<sup>a</sup> D. Maria Augusta de Freitas Valle, que foi ao concurso para a cadeira de professora auxiliar da aula de piano do Conservatorio Real de Lisboa, reclamou superiormente contra a decisão do jury que classificou em primeiro logar a sr.<sup>a</sup> D. Adelaide Rosenstok.



## MOVIMENTO THEATRAL

O litterato hespanhol, sr. Francisco Villaespeza, que ha pouco esteve entre nós, tenciona fazer representar em Madrid na proxima época o empolgante drama *Dôr suprema*, original do sr. Marcellino Mesquita.

\* \* \* Está quasi completamente restabelecida a intelligente actriz Amelia Lopiceolo, que ha dias soffreu uma operação n'um pé.

\* \* \* **O anno em tres dias**, a revista dos srs. Accacio Antunes e Machado Correia, com que no proximo dia 7 é inaugurada a época no theatro do Principe Real, e á qual já nos temos referido, tem musica original do maestro Philippe Duarte, recheiada de bellos trechos, destacando-se um fado destinado a fazer sensação. Amelia Lopiceolo faz um *Satellite* que atravessa todo o anno em tres dias, a pedir constantemente dinheiro a seu tio, um sabio astrónomo do paiz Azinopoles, que será desempenhado por José Ricardo.

\* \* \* Já se acha em Lisboa o maestro Attilio Capitani, contractado pelo sr. Souza Bastos para o theatro Avenida.

\* \* \* E' esperada brevemente em Lisboa a actriz Trinidad Cáu, que, conforme já ha tempos dissemos, está escripturada para o theatro da Trindade.

\* \* \* Na operetta **Os frades mostenses** com que hoje abre as suas portas o theatro da Trindade, dirigirão a orchestra os maestros Filgueiras e Del-Negro, porque as exigencias da partitura obrigam os dois artistas a alternar na regencia da orchestra, por haver numeros dos côros que demandam a presença de um maestro bastidores a dentro.

Consta-nos que a seguir a esta operetta, Affonso Taveira fará *reprise* do **Relógio Mágico**, que tantas enchentes deu ao theatro da Trindade.

\* \* \* No theatro Avenida vae brevemente subir á scena o encantador *vaudeville* **Niche**, onde Palmyra Bastos mais uma vez deslumbrará o publico com o bello desempenho que dá á personagem que interpreta.

\* \* \* Para o theatro da Rua dos Condes foi ultimamente contractado o tenor Henrique dos Santos.

\* \* \* E' a seguinte distribuição da operetta em tres actos **Os varinos**, com que no proximo dia 9 é inaugurada a época de inverno no theatro da Rua dos Condes.

*João Maria, ferro velho*, Marcellino Franco; *Zé Petiz, vendedor de jornaes*, Ernesto Portulez; *Paulo Pimenta, padeiro*, Duarte Silva; *Manuel Riscado, fadista*, Barros; *Thomé da Rita, catraeiro*, Firmino; *Joaquim Bezigoso, fadista*, Antonio Salvador; *Juca de Carvalho, brasileiro*, Rebocho; *Antonio, moço de padeiro*, Santos; *Um garoto, vendedor de castanhas*, A. Martins; *Julio, vendedor de abat-jours*, Rodrigues; *Um garoto de jornaes*, Maria Reis; *Manel Velleiro, catraeiro*, Soares; *Maria Petinga, peixeira*, Delfina Victor; *A russa dos camarões, vendedora de mariscos*, Isaura Ferreira; *Tia Joanna, parceira*, Carlota da Fonseca; *Victória, peixeira, irmã de Maria*, Anna Fortes.

As scenas são todas novas, pintadas pelo scenographo Carrancini.

\* \* \* No theatro do Principe Real subirá á scena na proxima época o drama **A Senhora de Sant'Anna**, *arreglo* do sr. João Soller, a **Flôr**

**do Tojo**, peça de costumes de Vianna do Castello, original do dr. Campos Monteiro, e **O avestruz**, peça de grande espectáculo que obteve muito successo ultimamente em Paris.

\* \* \* O empresario sr. Souza Bastos, volta a fazer *reprise* da revista **Beijos de burro** no Avenida, ampliada com um novo acto que substituirá o terceiro.

\* \* \* Está marcada para hoje, no Chalet Theatro da feira do Campo Grande, a recita do sr. Baptista Diniz, auctor da revista **De pernas para o ar**, subindo pela primeira vez á scena um quadro novo intitulado: *De Lisboa ao Lumiar*.



## Theatro Avenida

A encantadora opera burlesca de Offenbach, *A Grã-Duqueza de Gerolstein* chamou farta concurrencia no sabbado ultimo a esta casa de espectaculos, porque tão deliciosa partitura, apesar de muito conhecida, se ouviu sempre com agrado.

A' primeira d'esta *reprise* sempre fizemos tenção de não faltar, porque nunca até aqui se nos havia offerecido ensejo de vêr Palmyra Bastos na *Grã-Duqueza*. Era portanto com um natural interesse e curiosidade que desejavamos assistir a tal representação, quando de mais a mais nos haviam assegurado que n'esta peça tinha Palmyra um dos seus melhores papeis.

Que nos recorde, vimos a *Grã-Duqueza* feita respectivamente pelas actrizes Augusta Cordeiro, Angela Pinto e Cinira Polonio, e francamente, se Palmyra Bastos não excedeu esta ultima, que, a nosso vêr, foi das tres a que mais nos satisfiz, pôde-se bem dizer que lhe não foi inferior. Não foram portanto exaggeradas as informações que a seu respeito nos haviam fornecido, informações de que aliás nunca duvidámos, porque somos os primeiros a reconhecer em tão intelligente actriz, além de um talento privilegiado, recursos artisticos de incontestavel valor.

Se a soberba interpretação que ella soube dar á protagonista não representou para nós uma completa surpresa, houve comtudo a surpreender-nos n'esta peça o trabalho de um outro artista, pelo verdadeiro realce e brilho que soube dar ao seu papel.

Referimo-nos a Antonio Sá.

Temol-o ouvido e applaudido algumas vezes em diferentes papeis que elle tem desempenhado, porque é um artista correcto, e possuidor de uma bella voz de tenor, mas nunca o applaudimos com o entusiasmo com que o fizemos na *Grã-Duqueza*. A não ser uma certa frieza com que elle bem precisa reagir, Antonio Sá deu-nos um *Fritz* completissimo, cantando esplendidamente toda a sua parte

n'uma voz sonora, extensa e sempre afinada, voz como raras vezes se ouve n'um theatro de operetta. Pareceu-nos até que o publico, que com tanta facilidade dispensa applausos a rôdo e a artistas de mediocre merecimento, não foi justo nos applausos que dispensou a Antonio Sá, que, a nosso vêr, tinha direito a mais calorosas manifestações de apreço. Nós aqui lhe consignamos o nosso applauso, affirmando-lhe que nos é devéras agradável quando se nos offerece ensejo, como agora, de prestar justos louvores ao seu trabalho.

Alfredo de Carvalho bem como sempre. Humberto do Amaral e Maria Santos em pequenos papeis, tirando certas hesitações de facil repressão, igualmente bem. Roldão é que julgamos que imaginou poderia compensar a falta de voz, com a feição ultra-comica que deu á sua personagem. Mas não o conseguiu, porque se fez rir... não se fez ouvir.

A peça está posta em scena com propriedade e aceio, muito bem ensaiada, como sabe ensaiar o sr. Salvador Marques, e a orchestra, sob a regencia do maestro Paschoal Pereira, merece tambem ser louvada pela fórma como executou toda a partitura.

A *Grã-Duqueza* deve continuar a dar boas casas.

H. T.



## Instantaneos theatraes

### Invento photographico do «Grande Elias»

3.º cliché

Está velha a grande artista, mas sem perda de aptidões; e a primeira foi, na lista das actrizes, que a conquista bem fizeram, de ovações.

Na comedia, como em drama, que valor ella não tinha! Na operetta creou fama e ainda a gente, hoje, lhe chama a famosa *Carlottinha*.

*Barba Azul* era um tyranno e, mesmo esse, ella venceu! Sobre o palco, — não me engano, com tal garbo sevilhano, ninguem mais lhe succedeu.

Tinha a voz de um *rouxinol* e, nas salas, bem a ouvi: Era um scenico arrebol, vivo e quente como o sol, n'um famoso *travesti*!

A. G.

15

### Folhetim d'O GRANDE ELIAS

## ANDRÉ DEL SARTO

Drama em dois actos, de Alfredo de Musset

ANDRÉ

Senta-te e ouve-me. Bem sabes que nasci pobre; o luxo que me rodeia vem de má origem; é um deposito de que abusei. Sósinho entre tantos pintores illustres, sobrevivi, ainda novo ao seculo de Rafael, e vejo de dia para dia desabar tudo em roda de mim. Roma e Veneza ainda estão florescentes; a nossa patria já não o está. Lucto debalde contra as trevas; o facho sagrado apaga-se-me na mão. Julgas que seja pouco para um homem que viveu da sua arte vinte annos, vêr cahir essa arte?... A minha casa de trabalho está deserta, a minha reputação perdida. Não tenho filhos, nenhuma esperanza me prende á vida; a minha saude está fraca, o vento da peste que sopra do Oriente faz-me tremer como uma folha. Dize-me, que me restava no mundo? Se me succedia, nas minhas noites de insomnia, collocar um punhal no coração, quem me poude conter até agora?

CORDIANI

Não acabes, André!

ANDRÉ

Amava-a com um amor indefinivel! Por causa d'ella teria luctado contra um exercito; teria cavado a terra e puxado a charrua só para lhe pôr mais uma perola nos cabellos. Esse roubo que commetti, esse deposito do rei de França que me veem pedir amanhã e que já não tenho commigo, foi por causa d'ella, foi para lhe dar um anno de riqueza e de ventura, para a vêr, uma vez na minha vida, rodeada de prazeres e de festas, que o dissipai. Sabes agora o que fizeste?

CORDIANI, chorando

André! André!

ANDRÉ

E' por mim ou por ti que choras? Tenho um favor a pedir-te. Graças a Deus, vi cahir o raio sobre o meu edificio de vinte annos sem proferir uma queixa e sem dar sequer um grito. Se a deshonra fosse publica, ou te matava ou nos iam bater amanhã em duello. Por preço da ventura, o mundo concede a vingança e o direito de se servir d'isto... (*mostra o estylete*) deve substituir tudo para quem tudo perdeu; aqui está a justiça dos homeus; e

ainda não é certo, se tu morresses ás minhas mãos que não fosse a ti que lastimassem.

CORDIANI, levantando-se

Que queres de mim?

ANDRÉ

Se comprehendeste a minha idéa, sabes que não vi em tudo isto nem um crime odioso nem uma santa amizade calcada aos pés... O homem com quem estou falando não tem nome para mim. Falo com o assassino da minha honra, do meu amor e do meu descanço. A ferida que elle me fez nunca se póde curar. Uma separação eterna, um silencio de morte (porque elle deve pensar que a sua morte dependeu de mim), novos esforços da minha parte, uma nova tentativa a fim de readquirir a vida, poderão ter bom resultado? N'uma palavra, que saia d'aqui, que seja riscado por mim do livro da vida, que uma ligação culpada, e que não poude existir sem remorsos, seja rompida para sempre; que a lembrança se apague, lentamente, n'um anno, talvez em dois, e que então eu, André, volte, como um lavrador arruinado pela furia do raio, a construir de novo a minha cabana destruida no meu campo devastado.

CORDIANI

O' meu Deus! meu Deus!

(Continúa.)

## Os assassinos do Theatro

## Cartas a um amigo

VII

Meu caro Hogan Teves.

É a minha opinião que a modestia é uma qualidade essencial n'um escriptor dramatico, tornando-o sympathico ao publico e á critica; porém, em regra, para os artistas, ensaiadores e empregados, o auctor que não tenha *pose* é classificado de estúpido.

Ha ainda muita gente no theatro que não comprehende que qualquer homem de valor não use monoculo e polainas, nem adopte phrases empoladas e palavras francezas na conversação, ainda mesmo que sejam estropiadas.

E não admira que isto aconteça no theatro, quando cá fóra, n'alguns meios, succede outrotanto.

D'ahi, o auctor que não se imponha pela fatiota ou pelo aparato da palestra raras vezes vence a indiferença dos que teem que ler-lhe as peças e desempenhar-lh'as.

Acceite a primeira peça de um auctor dramatico, pelo empregado, sem protecção extranha, apenas pelo valor da obra, o escriptor venceu o primeiro obstaculo; outros, porém, lhe estorvam o caminho até que a sua producção seja apreciada pelo publico.

O ensaiador começa a marcar a peça, não se esquecendo de dizer ao empregado que achou esta ou aquella falta de rubrica, que naturalmente es-

capou ao escriptor que começa, e que muitas vezes até falta aos que já estão mestres no officio.

Depois faz-se a leitura ou prova para os artistas, que leem os papeis de má vontade, ou dormem durante os intervallos para se darem ares de ligarem pouca importancia á peça e ao novo auctor, que acha tudo aquillo muito extraordinario.

Alguns artistas faltam tambem aos ensaios de leitura, ou porque entendem, do alto da sua importancia, que a maçada é superior ás suas forças, ou porque teem medo de se engasgarem á leitura, o que a alguns muitas vezes succede.

Livram-se esses do commentario do auctor, para depois á marcação, já com o papel lido em casa, commentarem a peça.

E cabe aqui citar o facto de alguns artistas apreciarem quasi sempre as peças mais sob o ponto de vista litterario do que sob o theatral, o que seria mais acceitavel.

Os ensaios de marcação decorrem monotonos e incommodos para toda a gente, ensaiador, artistas e auctor, e passa-se ao apuro, começando os artistas que vêem menos a dizer que a peça não dá, que mal empregado é todo o trabalho que teem, que o empregado, que lhes paga, não tem senso commum, aliás não escolheria aquelle original ou traducção.

Se a peça é portugueza dão carga nos originaes, preferindo as traducções; se a peça é traducção, dizem que está mal vertida para a nossa lingua e que o escriptor vale pouco ou nada, porque de contrario deveria ter apresentado um original.

Aos ouvidos do novo auctor chegam, por varios meios, as diversas opiniões, e o pobre rapaz, até então confiante no seu trabalho, começa a convencer-se de que se enganou, a ter medo da sua obra, a receiar pelo seu agrado, que antes lhe parecia garantido.

Esmorece, está mal de dia, dorme pessimamente de noite e sente umas pequeninas pontadas sobre o coração, que são como que a guarda avançada de uma lesão cardiaca.

Depois de tantas ralações, de ouvir muitas coisas desagradaveis, de fingir que não entende o que se diz de mal do seu trabalho, para que elle vá até ao fim; depois de pedir, inutilmente, para a peça ser posta em scena com o scenario preciso e adereços e guarda-roupa indispensaveis, o novo auctor vê a sua peça annunciada no cartaz e á noite vae para o theatro todo tremulo, como se fosse um criminoso caminhando para o patibulo.

A's vezes, e não raras, apesar das deficiencias e más vontades, a peça obtem o agrado do publico e da critica. Então os que tanto mal disseram d'ella, e que propositadamente, ou não, procuraram *enterrar-a*, ficam estupefactos e tecem os maiores elogios ao auctor a quem tanto incommodaram e desgostaram antes, com as suas apreciações desagradaveis, que transpirando demasiado para fóra do palco, podiam influir desfavoravelmente no animo da camada menos intellectual do publico, prejudicando-os a elles proprios.

Que Deus lhes dê mais juizo e que livre os auctores novatos de artistas de tal feito.

Teu velho amigo

ANTONIO NOGUEIRA.

## Ditos d'«O Grande Elias»

Qual é o nome de actor que tem sete castellos?  
— E' o do *Brazão*, de Portugal.

AGAR.

Nestlé

Farinha Lactea

FABRICA NACIONAL  
DE  
Tintas typo-lithographicas  
CANDIDO AUGUSTO DA COSTA  
DEPOSITO  
Rua Ivens, 70 — LISBOA

FABRICA NACIONAL **PAPEIS PINTADOS**  
DE  
de DIAS TEIXEIRA & C.<sup>a</sup>  
Papeis pintados para forrar casas, papeis mates, (cou-chés) e lustro, etc., para Lithographia, Typographia, Photogravura, Encadernação, Cartonagens, etc.  
Depositos para venda a retalho: **José Narciso d'Aguiar & C.<sup>a</sup> (F.<sup>os</sup>)**, 13, Avenida da Liberdade, 17; **José Miguel dos Santos em C.<sup>ia</sup>**, 102, Rua Nova do Almada, 104.  
DEPOSITO GERAL E ESCRITORIO  
25. RUA DE S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA, 27 — LISBOA

Lanternas

Para illuminação de estabelecimentos. — 2\$000 réis por mez, incluindo gaz, manga, lanterna e consola.

Pedidos á

SOCIÉTÉ ANONYME D'ECLAIRAGE INTENSIF

Rua do Crucifixo, 116 — Lisboa.

Para alugar

5 numeros, 1\$500 réis

Novidades litterarias

Atlas de Geographia Universal, descriptivo e illustrado; grav., 1 vol. encad. 6\$700 réis; fasciculo, 150 réis.  
Atlas de Portugal e colonias, descriptivo e illustrado (em publicação); chorographia physica, politica, estatistica e economica. Fasciculo, 150 réis.  
Vida e aventuras de Robinson Crusoe, por Daniel de Foë. Luxuosa edição completa e illustrada. 1 volume broch. 2\$000 réis; enc. 2\$800 réis; tom. 250 réis.  
Prospectos e specimens gratis. Empreza editora, rua da Boa Vista, 62, 2.º, Lisboa, e nas principaes livrarias.

O GRANDE ELIAS

Um volume, luxuosamente encadernado em percalina, com titulos a ouro, contendo as duas primeiras séries d'este semanario

PREÇO 1\$000 RÉIS

Está ja á venda em todas as livrarias

Retratos contidos no volume

Taborda, Virginia, Furtado Coelho, João Rosa, Rosa Damasceno, Eduardo Brazão, Barbara Volckart, Antonio Pedro, Augusto Rosa, Cesar Porto, dr. Manuel da Silva Gayo, Pedros Rodrigues, Angela Pinto, Ferreira da Silva, Lucinda Simões, Valle, Adelina Abranches, Queiroz, Palmyra Bastos, Lucilia Simões, Visconde de S. Luiz Braga, Thereza Mattos, Joaquim de Almeida, Eduardo Schwalbach, Beatriz Rente, actor Simões, Marcellino Franco, Delfina Victor, actor Cardoso, José Carlos dos Santos, Adelaide Coutinho, Augusto Cesar de Almeida, Emilia das Neves, actor Mattos, Maria Falcão, João Gil, Silva Pereira, Amelia Pereira, João Anastacio Rosa e Francisco Costa.